

## Guerra comercial em curso faz soar alerta para despedimentos coletivos

Há muito emprego, mas começam a surgir sinais de alarme no mercado de trabalho. Assiste-se a um crescimento no número de processos de despedimentos, sendo que o contexto internacional desafiante ameaça agravar a situação, dizem advogados ao Negócios. O corte de custos é sempre uma arma das empresas em momentos de instabilidade.



EPA

*João Duarte Fernandes*

13:00

O aumento de despedimentos coletivos na Alemanha, país que é considerado o "motor" económico da União Europeia, faz aumentar os receios de que este cenário se possa estender ao resto do bloco europeu, incluindo a Portugal. À crise atual, que tem no setor automóvel o seu epicentro, poderão, alertam os advogados contactados pelo Negócios, juntar-se o contexto desafiante da geopolítica, nomeadamente a guerra comercial em curso, que tem o potencial para agravar ainda mais a situação no mercado laboral.

"A guerra comercial pode ter um impacto significativo no mercado de trabalho português e nas empresas, dependendo do setor e do nível de exposição ao comércio internacional", diz Catarina Correia Soares, coordenadora do departamento Laboral da Lopes Barata & Associados. "Historicamente, é comum as empresas adotarem medidas de contenção de custos, como despedimentos e 'lay-offs', para preservarem a sua viabilidade financeira", lembra a mesma advogada. Correia Soares acrescenta que "Portugal, sendo uma economia fortemente dependente do comércio internacional, não deverá constituir uma exceção".

"Os dados [nacionais] mais recentes sobre despedimentos coletivos (referentes a 2024) evidenciam uma tendência crescente quer no número de processos de despedimento, quer no número de trabalhadores abrangidos", sublinha Rui Vaz Pereira, sócio coordenador da área de Laboral da Cuatrecasas. O especialista avisa que a "incerteza decorrente das mudanças políticas ocorridas nos EUA e das guerras em curso tendem a agravar a situação, acrescentando a isto a guerra comercial envolvendo EUA, China e União Europeia (UE)".

Félix Bernardo, sócia e coordenadora da equipa de Laboral da Caldeira Pires & Associados, lembra, no entanto, que "Portugal não está tão exposto ao impacto direto das tarifas comerciais impostas pelos EUA como outros países da UE", mas salienta que "isso não significa que a economia portuguesa esteja imune a longo prazo às consequências desta guerra comercial".

Gonçalo Pinto Ferreira, sócio coordenador da área de Trabalho e Segurança Social da Telles, destaca que "não há uma resposta clara e inequívoca" no que toca ao recurso a despedimentos e "lay-offs". "Dependerá de muitos fatores, desde logo a resposta que a UE e Portugal possam dar para combater o desemprego, designadamente com políticas de apoio ao emprego, qualificação profissional e estímulos ao investimento", nota.

**“ [O recurso a despedimentos e 'lay-offs'] dependerá da resposta que a UE e Portugal possam dar para combater o desemprego.**

Gonçalo Pinto Ferreira  
Sócio da Telles

### Reavaliar estruturas

No caso da UE e de Portugal, destaca Félix Bernardo, "algumas empresas podem vir a sentir o impacto [das] disputas comerciais, sobretudo aquelas que dependam dos mercados externos". De acordo com a advogada, "a imposição de tarifas e a instabilidade nos preços das matérias-primas podem aumentar os custos de produção, o que coloca pressão sobre a rentabilidade e a viabilidade das próprias empresas".

**“ A imposição de tarifas [por parte dos EUA] coloca pressão sobre a rentabilidade e a viabilidade das próprias empresas.**

Félix Bernardo  
Sócia da Caldeira Pires & Associados

Correia Soares sublinha que "no atual contexto da guerra comercial, [...] estes desafios irão, necessariamente, levar as empresas a reavaliar a sua estrutura operacional e de pessoal, pois terão de se adaptar a um ambiente económico mais incerto e volátil". Em alguns setores, diz Félix Bernardo, as empresas, poderão ser forçadas a lançar mão de despedimentos ou 'lay-offs', explica a sócia da Caldeira Pires & Associados. Pinto Ferreira recorda que "já o vimos suceder no passado em situações de crise e, por isso, é possível que possa voltar a acontecer".

Na mesma linha, Vaz Pereira sublinha que, "será inevitável um aumento do recurso aos despedimentos coletivos, como forma de diminuição permanente dos custos e de ajustamento das estruturas das empresas". Já relativamente aos "lay-off" e dado que os mesmos são, "por natureza, temporários e exigem que o empregador continue a suportar um determinado nível de custos, poderão não ser tão atrativos para as empresas", aponta Rui Vaz Pereira.

**Será inevitável um aumento do recurso aos despedimentos coletivos, para diminuir de forma permanente os custos das empresas.**

Rui Vaz Pereira  
Sócio da Cuatrecasas

## Adaptar para evitar despedir

No entanto, Félix Bernardo diz que "estes efeitos e o impacto negativo a que podemos vir a assistir, dependerão de diversos fatores, desde logo da **capacidade de adaptação das empresas e do apoio económico que os governos venham eventualmente a dar ao tecido comercial afetado**". Por isso, ressalva a advogada, "não podemos generalizar, mas há um risco de que alguns setores possam vir a enfrentar algumas dificuldades".

Olhando para possíveis soluções, Correia Soares defende que "**podem ser implementadas outras medidas estratégicas menos drásticas**, como o congelamento de salários, a redução ou suspensão de novas contratações, a redução de benefícios ou bónus e a flexibilização/mobilidade interna". A advogada explica que "estas medidas podem ajudar as empresas a ultrapassar os impactos da guerra comercial, permitindo-lhes reduzir custos, manter a liquidez e evitar despedimentos desnecessários", remata.

“**Podem ser implementadas outras medidas menos drásticas, como o congelamento de salários ou a suspensão de novas contratações.**

Catarina Correia Soares  
Coordenadora na Lopes Barata & Associados

### Obrigado por apoiar o nosso jornalismo.

No Negócios temos como missão disponibilizar informação económica fiável, atual e relevante. E se a batalha pela relevância é uma responsabilidade que nos cabe, no novo enquadramento do setor a capacidade de continuarmos a desempenhar o nosso papel depende cada vez mais do investimento do leitor. Agradecemos a sua confiança. Vamos continuar a trabalhar para a merecer.

C•STUDIO

[O futuro da reparação automóvel: desafios e inovação no pós-venda](#)

["160 anos após a invenção do elevador, a TKE reinventou-o"](#)

[André Fernandes entra a vencer em Murça](#)

[Aposte nos marketplaces: tudo o que precisa num só lugar](#)

[O calçado "made in Porto" mais premiado pela sua comodidade e inovação conquista Hollywood](#)

[Seguro Directo desafia clientes e leva-os aos EUA para uma experiência inesquecível](#)

#IMPULSIONAR

[Um Ano de Cultura](#)

[Lisboa Uma Cidade Para Todos](#)

[A Voz das PME](#)

[Pensar O Futuro](#)

[Minuto Finanças para Todos](#)

[Branded Content](#)

## "Efeito dominó" das tarifas impacta também empresas sem negócios com os EUA

Especialistas na assessoria jurídica às empresas contactados pelo Negócios lembram que "não é de excluir o efeito dominó" a empresas e setores que até nem exportam para os EUA, "mas que paradoxalmente poderão ser mais vulneráveis ainda à pressão" da guerra comercial em curso.



*João Duarte Fernandes*

27 de Março de 2025 às 15:00

Atendendo à guerra comercial em curso, setores nacionais exportadores, como os produtos farmacêuticos, têxteis ou a indústria do vinho, são mais suscetíveis de serem impactados pelas barreiras ao comércio externo. No entanto, especialistas na assessoria jurídica às empresas contactados pelo Negócios lembram que **"não é de excluir o efeito dominó" a empresas e setores que até nem exportam para os EUA**, "mas que paradoxalmente poderão ser **mais vulneráveis ainda à pressão**".

"É razoável assumir que os postos de trabalho mais suscetíveis de serem impactados pela guerra comercial são os **ligados a setores que enfrentam ou podem vir a enfrentar tarifas norte-americanas sobre os seus produtos**, ou que dependem fortemente das exportações para os EUA", explica Catarina Correia Soares, coordenadora na Lopes Barata & Associados. A especialista lembra que os EUA "são o **principal destino das exportações portuguesas fora da União Europeia**, pelo que a imposição de tarifas norte-americanas representa um desafio significativo para a economia portuguesa, afetando diversos setores-chave, como o dos produtos farmacêuticos, têxteis, calçado, vidro, cerâmica e cimento, bem como a indústria do vinho, entre outros".

Para Félix Bernardo, sócia da Caldeira Pires & Associados, "as empresas destes setores podem ser confrontadas com uma redução nas suas exportações, o que pode provocar uma diminuição da atividade e, eventualmente, a **necessidade de ajustar e reestruturar a sua organização interna e eventual força de trabalho**".

"**Alguns desses setores, como o automóvel ou a indústria transformadora, foram já fustigados pela onda de despedimentos coletivos ocorrida no último ano**, pelo que a imposição de tarifas irá com certeza agravar ainda mais os problemas já existentes", nota Rui Vaz Pereira, sócio da Cuatrecasas.

Porém, diz Gonçalo Pinto Ferreira, sócio da Telles, "**num mercado global não é de excluir o efeito dominó que o aumento de tarifas poderá acarretar para a economia, afetando assim outros setores**". O advogado refere os fornecedores e distribuidores "que até nem exportam para os EUA, mas que paradoxalmente poderão ser mais vulneráveis ainda à pressão, por estarem menos preparados, por terem menos capacidade de inovação e menos acesso a alternativas no mercado", explica. E nestes casos, realça, "**o despedimento coletivo pode ser mesmo um recurso inevitável para a viabilidade futura da empresa**".

Concluindo, Félix Bernardo nota que "**as empresas não vão reagir todas da mesma forma**". "Algumas irão certamente adaptar-se mais rapidamente do que outras, procurando novos mercados ou ajustando as suas operações", conclui.

### Obrigado por apoiar o nosso jornalismo.

No Negócios temos como missão disponibilizar informação económica fiável, atual e relevante. E se a batalha pela relevância é uma responsabilidade que nos cabe, no novo enquadramento do setor a capacidade de continuarmos a desempenhar o nosso papel depende cada vez mais do investimento do leitor. Agradecemos a sua confiança. Vamos continuar a trabalhar para a merecer.

C-STUDIO

[Delta destaca-se na lista de marcas mais reputadas em Portugal](#)

[Inovação premiada projeta empresas portuguesas no palco internacional](#)

[O que é o lip stain peel-off e como funciona?](#)

[Bairro Feliz: há cinco anos a fazer a diferença nos bairros de Portugal](#)

[Time-filler intensive 5xp: a revolução antienvelhecimento sem injeções](#)

[O calçado "made in Porto" mais premiado pela sua comodidade e inovação conquista Hollywood](#)